



INSCRIÇÕES ATÉ
HOJE NA CÂMARA
DO FUNCHAL.

Regata de canoas de pesca no próximo domingo entre o Lido e a praia de São Tiago, com partida às 16:00

Integrada nas comemorações do V Centenário da Cidade do Funchal, a autarquia promove a 3.ª edição desta prova, em parceria com a Associação de Canoagem da Madeira. A regata destina-se, sobretudo, a pescadores amadores.

Jardins do Tecnopólo caem no abandono

*Administração garante recuperar até Outubro;
reitor da UMa aguarda audiência com Caires*



RUI MAROTE

Os jardins da biodiversidade estão em fase avançada de degradação. Mas o Madeira Tecnopólo garante que os recupera até Outubro.

Rosário Martins
rmartins@dnoticias.pt

Os jardins da biodiversidade estão atulhados de plantas infestantes e lixo. A cargo do Madeira Tecnopólo, em parceria com a Universidade da Madeira, estes espaços inicialmente verdes, compostos por plantas endémicas da Madeira e de outros exemplares exóticos importados do exterior, cedem lugar às ervas daninhas, estando longe de ser um bom cartão-de-visita de uma instituição superior de cultura e do próprio Pólo Científico e Tecnológico da Madeira.

As administrações do Tecnopólo e da UMa têm vindo a gastar, ao longo destes anos, elevadas somas na criação destes jardins, que circundam as referidas instituições. Mas, feito o investimento, a manutenção diária teima depois em ser descuidada. Aliás, o DIÁRIO apurou que a própria Universidade comparticipa nos custos, entrando o Tecnopólo com a maior fatia contributiva, mas o balanço final está à vista de todos: lixo amontoado à entrada do Tecnopólo e, junto à cantina da UMa, os anunciados jardins da biodiversidade sucumbem gradualmente à sede, enquanto as ervas daninhas tomam conta de tudo, sobrevivendo para já as plantas maiores como as palmeiras. Até os passeios de acesso, construídos em vários pontos desta área, estão cobertos de matagal.

Segundo o DIÁRIO apurou, o facto de estar sempre latente uma "guerra de capelas" entre a UMa e o Madeira Tecnopólo, nunca assumida oficialmente,

sobre a gestão e finalidade dos jardins não tem contribuído para a manutenção destes espaços. Aliás, nos contactos telefónicos estabelecidos para ambas as instituições, ninguém sabia indicar quem efectivamente os coordenava.

O Madeira Tecnopólo celebrou com Domingos Nóia, coordenador do Jardim Botânico em situação de pré-apresentação, um contrato para a recuperação dos jardins da instituição, particularmente os da Biodiversidade. Em de-



**Após o investimento feito na
plantação de espécies
endémicas da Região e outras
importadas, o estado actual é
de degradação**

clarações ao DIÁRIO, Domingos Nóia diz que até lhe foi pedido que constituísse uma empresa em nome individual para proceder a esta tarefa, tendo para tal contratado trabalhadores. Após uma recolha das mais diversas espécies de botânica, da Região e do exterior, Domingos Nóia afirma ter sido confrontado com dívidas: «Durante 14 meses, desde Janeiro de 2005, o Tecnopólo deixou de pagar os trabalhos realizados,

alegando dificuldades financeiras», facto que comprova com cópias das cartas remetidas à administração do Tecnopólo e ao reitor da UMa. «Só em Março do corrente ano, pagou parte da dívida em atraso e cessou o contrato. E nem a verba que a Universidade pagava atempadamente ao Tecnopólo (1.745,79 euros, acrescido do IVA à taxa de 15%), mediante protocolo existente, me era paga», acrescenta. Afastado deste processo, começou a degradação dos jardins.

Na deslocação que o DIÁRIO fez ao local, foi possível confirmar o estado de abandono que as fotos documentam. Apenas se encontrou um jardineiro, a regar os jardins mesmo à entrada do Tecnopólo, o que também preocupa quem percebe de botânica, uma vez que a rega e a limpeza têm que ser feitas com orientação científica.

Contactado o reitor da UMa, Telhado Pereira apenas adianta ao DIÁRIO que já solicitou reunião ao presidente do Tecnopólo para tratar dos jardins da biodiversidade e aguarda resposta. De resto, confirma que comparticipa no pagamento das despesas, mas não menciona valores.

Raul Caires, presidente do Tecnopólo, tem outra opinião. Os jardins estão sem manutenção durante apenas um mês e estão no terreno dois jardineiros a trabalhar. A paragem na manutenção deveu-se «a um contencioso entre o Tecnopólo e a empresa que fazia esse trabalho, devido a questões contratuais. Em Outubro próximo já tudo deverá estar recuperado.

Do jardim ao matagal

Há quase dez anos, li neste jornal que na margem oriental da Ribeira de São João, entre o Tecnopólo e a ponte junto às oficinas da Renault, iria ser criado o Jardim da Biodiversidade. A declaração era oficial, foi feita com pompa e circunstância, e o projecto seria verdadeiramente ambicioso.

Entretanto, em 2000, ainda sem Jardim da Biodiversidade, mas com elevada biodiversidade nos jardins, parques e quintas, o Funchal recebeu o Galardão de Ouro no concurso das Cidades e Vilas Floridas da Europa.

Tal distinção, para além dum importante cartaz de propaganda duma cidade com quase cinco séculos de vida, constituiu um desafio para fazermos mais e melhores espaços verdes. Sem jardins de qualidade e sem asseio exemplar, o Funchal tem muito menos encanto e perde uma elevada quota da sua atractividade.

Depois de oito anos de dedicação exclusiva ao Pelouro do Ambiente do concelho do Funchal, em Fevereiro de 2002 recomencei as minhas funções docentes, ministrando aulas de Educação Ambiental no Departamento de Educação da Universidade da Madeira. Durante um semestre, para além da gostosa experiência pedagógica, segui diariamente e com muita atenção os trabalhos de plantação e manutenção do jardim na faixa de terreno entre a Universidade e a Ribeira de São João.

Entusiasmei-me com o que ali estava a nascer e resolvi inserir na investigação com vista à minha tese de doutoramento aquele que julgava ser o embrião do politicamente anunciado Jardim da Biodiversidade.

Em Fevereiro de 2005 dei por concluído o inventário florístico com a identificação de 553 (quinhentas e cinquenta e três espécies). Um valor que coloca aquele jardim na Classe Excepcional do Índice de Riqueza Florística.

Nos três anos em que semanalmente por ali andei a identificar as espécies, a analisar os seus ritmos de crescimento e a registar os regimes de folheação, floração e frutificação, fui-me apercebendo duma progressiva degradação nos cuidados de manutenção.

Mês após mês, o Jardim, estrutura deveras importante para a imagem de qualidade ambiental do Tecnopólo e da Universidade, tem vindo a



perder fitodiversidade e está transformado num matagal. Algumas plantas mais sensíveis à concorrência das infestantes e carentes em água de rega no período seco de Verão já definharam e muitas outras caminham rapidamente para a morte se não houver uma intervenção urgente e esclarecida. Mas por favor, não comecem a cortar a eito tudo o que parece estar seco e a regar de qualquer maneira só para calar as vozes críticas. No tratamento das plantas é preciso saber intervir, sob pena de não morrerem da doença e sucumbirem com a pretensa cura.

Agradecia, antecipadamente, que não viessem com a desculpa da escassez de recursos financeiros. Queriam um Jardim da Biodiversidade sem custos de manutenção?

Mais do que a falta de dinheiro, o que tem faltado é sensibilidade ecológica e cultural a quem teria o dever de preservar e enriquecer aquele património botânico e paisagístico. Numa altura em que a Universidade da Madeira publicita uma reforma curricular do Curso de Biologia, apontando como objectivos a diminuição das aulas teóricas e o aumento dos trabalhos práticos, é chegado o momento de professores e alunos saírem do edifício e começarem a contribuir para a requalificação daquele espaço verde, transformando-o num Jardim Botânico.

Ali mesmo, no sector junto à cantina, já podem dispor duma área de flora madeirense, dum núcleo de suculentas, duma interessante colecção de palmeiras ou duma mostra de plantas agro-industriais. Estão à espera de quê?

A fechar esta nota muito dorida e porque, com a mesma veemência com que critico, não me coíbo de tecer elogios ao que de bom se faz pelo património paisagístico desta Região, aconselho os responsáveis do Tecnopólo e da Universidade a prestarem um pouco de atenção aos belos jardins da Via Litoral. Ao longo de muitos quilómetros o matagal tem sido substituído por plantas ornamentais. É desta propaganda que a Madeira precisa!

Raimundo Quintal